

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

FAMÍLIA
- pintura e memória em retrospecto -

TERESINHA PEREIRA DE OLIVEIRA

Belo Horizonte
2018

TERESINHA PEREIRA DE OLIVEIRA

FAMÍLIA
– pintura e memória em retrospecto -

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em Artes Visuais – Habilitação Pintura.

Orientadora: Professora doutora: Andréa Lanna

SUMÁRIO

RESUMO

1- INTRODUÇÃO.....	6
2 – A PINTURA, MINHA ESCOLHA.....	9
3 – O PROCESSO	11
4 – OS MATERIAIS.....	13
5 – ALGUNS ELEMENTOS	13
6 – AS IMAGENS	14
7 – AS PINTURAS.....	15
8 – AMOR	16
9 – MINHAS IMAGENS.....	18
10 – ALGUMAS REFERENCIAS ARTISTICAS	28
11 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
12 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
13 – IMAGENS	41

RESUMO

Este trabalho aborda uma poética visual própria, a partir de imagens visuais de pinturas que foram selecionados em minha trajetória, tendo como base uma narrativa constituída por elementos que fazem parte de uma seleção de fotos encontradas e selecionadas ao acaso. Esses trabalhos compõem uma certa escolha imagética explorada através da pintura, que toma forma através dos gestos marcados pelo pincel sobre o tecido branco que, pouco a pouco, se transforma em imagens e que causam a nítida impressão de que surgiram como mágica, (não aquelas que aparecem do nada, mas aquela do sonho, no encontro com a realidade). Pois aí, foi o real que se fez figuração (ou obra de figuração).

Palavras chaves: pintura, poética, retratos.

“Quanto mais próxima a partida mais aflito ficava. Olhava o chão, as plantas, os animais, as aves e aquela luz... Parecia que nunca mais iria ver tudo aquilo que era parte de mim mesmo. Quantas lágrimas derramei às escondidas. Vi e revi mil vezes todos os recantos. Saudade incontida do que ficava. (...) Procurava ensaiar para não ser traído pela emoção. Ia à casa de minha vó, trocava duas palavras e saía vencido, qual, não era possível. Voltava para casa, falava com minha mãe e sentia-me impossibilitado de dizer palavras. Não poderia despedir-me. Preferia não ir mas necessitava ir, estava na idade. O sol, a lua, as estrelas, as águas do rio, o vento, tudo ficaria lá e eu encontraria o escuro.”

(Candido Portinari, Paris, setembro de 1958).

1 - INTRODUÇÃO

Nasci em uma casa à beira de um córrego mal cheiroso. Porém no nosso lote, haviam muitas nascentes de águas cristalinas. Se eram puras, potáveis, não sei; talvez devido à proximidade com o córrego, seu uso não fosse aconselhável, mas a usávamos assim mesmo. Saímos de lá e fomos morar em outra casa, mais próxima do trabalho do meu pai. Quando a tarde caía, eu sabia que estava na hora dele chegar; corria para o portão e ficava de olho em um longo e estreito beco de onde certamente ele apareceria. E foi durante uma dessas *chegadas* que ele me perguntou se eu gostaria de ir à casa de um primo que era pintor e eu disse: ele vai pintar nossa casa? E ele respondeu: não, ele é pintor de quadros. Muitos anos depois, percebi o quão maravilhoso era tudo aquilo que ele fazia; como era mágico ser pintor, colocar na tela a imagem que seus olhos admiravam, colorir o mundo com os tons de sua alma, do seu sonho. Foi a partir dessa visita que comecei minhas *pinturas* feitas sobre o chão de cimento de um cômodo que havia sido demolido e *pintado* com pedras coloridas que deixavam seus rastros por onde passava.

Hoje, dentro do ambiente acadêmico, pude perceber e sentir o que é ser um artista. Quando criança, o fato de fazer rabiscos no chão era o meu pintar e jamais imaginei que ser artista estava muito além das pedras coloridas que utilizava para fazer o que acreditava ser uma pintura.

Meu primeiro contato com a pintura foi nas disciplinas de Pintura A, B e C. Aprendi do zero os segredos do pintar e, para mim, foi estressante tentar acompanhar os colegas que, de uma maneira ou de outra, já tinham um certo conhecimento.

Colocar a família em minhas obras é como colocar a minha história em cores, com pinceladas, ora curtas e finas, ora compridas e cheias de matéria. A família, em especial a minha, representa meu chão, meu céu, meu início e nunca meu fim, pois foi ela quem me fez quem sou, boa ou má, mas um ser que sempre lutou por um lugar ao sol, que sempre esteve ao lado de todos, irmãos, tios, tias, primos distantes ou não. Busquei marcar minha presença não só nas pinturas, mas também na vida real de todos eles. Amo minha família, com todos os seus defeitos e qualidades e, se tivesse que nascer novamente, com certeza escolheria essa que é a família mais maravilhosa que alguém poderia querer pertencer. Pintar as pessoas que fizeram parte desse roteiro com erros e acertos, que jamais teria percorrido sozinha. Esse trabalho é de extrema importância para minha realização, não só como artista, mas também como ser humano, pois coloquei nisso a minha alma.

As cores me representam, pois, ao escolher o verde, o coloco como fonte de otimismo que pode representar. Também por se valorizar pelo *quadro*, em que na minha infância, um professor escrevia que eram verdes e mesmo assim, chamávamos de quadro negro. O verde volta aqui como o cheiro do mato da casa em que passei minha infância, o cheiro do curral, onde meu avô tirava o leite das vacas, pela chuva que produzia a

enxurrada e deixava a grama penteada: é desse verde que vem às minhas obras.

Quando uso o amarelo não evoco o ouro; lembro do milho que colhíamos no sítio dos meus avós, que depois se transformavam na branca pipoca, na canjica cheirosa e cheia de amendoins; na cana-de-açúcar caiana toda rajada de amarelos, que eu ajudava a picar e depois serviam de ração para o gado, sem contar um pedaço ou outro que iam para a minha boca. A cana era doce assim, como é doce o amarelo dos meus trabalhos.

Ah! O rosa... O rosa estava em todas as minhas roupas e nos meus acessórios, (menos nos sapatos, pois eles eram sempre de borracha preta, que suavam os pés e produziam odores inevitáveis). Acho que por isso é que essa cor não me agrada muito (mas não a desprezo).

O azul, sempre foi um céu. Quando criança, ele parecia ter mais estrelas. Durante o dia, as nuvens me davam formas variadas, que eu transformava em desenhos (e as minhas nuvens eram sempre azuis, nunca brancas). É o céu que sempre enxergava através das frestas e buracos que foram surgindo em nosso telhado, como se ele não tivesse dono. Era o resultado das pedrinhas atiradas pelos moleques da nossa rua, do granizo que descia loucamente do céu durante as tempestades, que contribuíram para que eu tivesse uma visão noturna do céu azul marinho, escuro, com suas estrelas mais brilhantes, cadentes. Elas eram o ponto forte desse espetáculo e assim que eu as via, imediatamente fazia pedidos e exprimia meus desejos com tanta fé e gosto que, em sua maioria, eram atendidos.

2– A PINTURA – MINHA ESCOLHA

“A cor me possui. Não preciso ir atrás dela. Ela me possui para sempre, eu sei. É esse o significado dessa hora feliz: eu e a cor somos um. Sou pintor.” (Klee, em seu *diário de viagem* à Tunísia¹. Também encontrei essa frase escrita em um muro do Bairro Chácaras del Rey, em Contagem.)

Antes de ingressar na Escola de Belas Artes, meu contato com a pintura foi episódico. Foi uma experiência que, a princípio, me encheu de medo, do que viria, havia um receio de não conseguir me expressar através dela, de recuar, com medo até do próprio medo. Lembro-me que durante o Ateliê I, comecei a pesquisar as obras de Arthur Luiz Piza, quase por acaso. Identifiquei-me com seu trabalho e decidi fazer algo naquela direção. Os recortes, cortes e colagens fizeram parte de uma série de vários trabalhos que ainda guardo para fazer uma avaliação mais apropriada da série e, talvez, retomar algo nesse sentido. Nesse trajeto considero que aprendi muito mais com meus erros do que com os acertos, pois foi através deles que pude perceber o que deveria ser pensado, modificado, estudado e aprimorado. Assim, foi logo depois desses trabalhos que *peguei* no pincel pela primeira vez, já um pouco mais corajosa.

¹ KLEE, Paul. “Diários” (“Viagem de estudos à Tunísia”). São Paulo: Martins Fontes, 1990, p.332..

Lembro-me que fui incentivada pelo professor Mário Azevedo, que me disse algo assim: as colagens estão ótimas, mas gostaria de ver sua pintura e não a imagino pequena; você tem capacidade para fazer algo maior. Foi um grande incentivo, mesmo com o medo de não ser capaz. Depois conheci as obras de Paul Klee, mas não me atrevi a tentar seguir suas rotas, pois achei seus trabalhos estavam muito acima das minhas possibilidades como principiante.

Assim, com gestos tímidos e receosos, fiz meu primeiro trabalho de pintura. Era *grande* maior do que outros que já havia feito como o professor havia sugerido; mas ainda não sei até que ponto ele me agradou de fato; mas sei que me serviu para perder o medo e prosseguir, com menos timidez.

Com a evolução do meu aprendizado e mais prática, comecei a me identificar com a tinta acrílica por sua baixa toxidez e secagem mais rápida, pela sua flexibilidade entre brilho ou opacidade, cujos efeitos variam de acordo com o número de veladuras aplicadas. Aprecio também a possibilidade de utilizar outros veículos para conseguir variação de efeitos com mais ou menos água, ou com médium acrílico, em misturas diferenciadas para efeitos diversos.

Comecei a perceber que vários artistas fazem uso dessas técnicas pelos mesmos motivos e conseguem efeitos surpreendentes. Daí em diante escolhi pintar telas maiores (em média 70 x 100 cm), pois sentia que podia deixar minhas mãos e braços percorrerem livres, através e por sobre o espaço da tela, deixando meu imaginário alcançar o verde, o rosa, o azul

e aquele amarelo da minha infância, como se o meu lado criança prevalecesse diante do inesperado, mesmo que tudo tenha sido planejado de antemão ou fosse outra imagem.

Atribuo às telas maiores a possibilidade da aproximação e o efeito gigante do distanciamento, magia também encontrada em trabalhos de outras dimensões, quando, de acordo com seu tamanho, proporciona a seu executor um estado de quase êxtase, só notado por quem a faz ou pelo espectador que se aproxima dela de fatoem todo seu esplendor enquanto pintura. Não se pode negar que a pintura nos traz sentimentos alternados de rejeição e muita interrogação. Ela não se explica e, ao mesmo tempo, é autoexplicativa. Na série de trabalhos, intitulada “Família – pintura e memória em retrospecto -”, me esforço para criar sem uma preocupação muito racional, com a entrega de uma criança, dando ênfase à espontaneidade.

3– O PROCESSO

Utilizo uma paleta mínima de cores, que são as primárias, o preto e o branco e é através delas que obtenho outras tonalidades, que considero adequadas aos meus objetivos. Penso que seja através das cores que as sensações afloram e que enriquecem ou não o trabalho intrínseco da imagem. As sensações proporcionadas pelas cores, que nos trazem inquietações, vibrações, dramas ou tranquilidade, dependendo do objetivo do artista e do olhar do espectador, se dão em uma efetivação da

própria obra. Quanto a mim, faço a escolha cromática que, acredito, me motiva e me traz a sensação desejada para incorporar aquela imagem, aquela cena. Apesar de utilizar um número pequeno de cores obtenho, através das misturas, todos os tons que desejo para aquela obra. Gosto das cores primárias pela sua vivacidade e pela pureza que ela agrega à pintura.

Em relação à mistura das cores gosto muito dos tons de verdes e dos laranjas. Na combinação entre as cores sinto que algumas dão uma leveza maior à imagem e outras produzem um efeito mais dramático (o que às vezes me incomoda). Mas, ao olhar novamente o trabalho, percebo que essa dramaticidade é também necessária para criar um efeito maior de reflexão e de densidade. Procuro ser eu mesma em tudo que produzo, além de produzir uma linguagem calcada na minha maneira de ver o mundo e de sentir as imagens dessa ou daquela maneira, como se fossem, realmente aquilo que ocorre à minha volta.

4 – OS MATERIAIS

Quanto ao suporte, faço uso de tecidos de algodão esticados sobre chassis de madeira. Nessa base passo diversas demãos de tinta látex, até perceber que ela está pronta e suficientemente densa para receber o meu desenho preparatório e, conseqüentemente, as cores que vão constituir o trabalho, a pintura em si. Como já citei, optei por usar a tinta acrílica por sua versatilidade. Gosto de sua secagem rápida e sua alta impermeabilidade;

o seu acabamento é mais brilhante que o da tinta a óleo (mesmo existindo uma versão menos brilhante). Como o acrílico é um polímero plástico, pode ser usado sobre qualquer superfície, desde que esta não contenha cera ou óleo. Assim é possível, também, obter variedade nos resultados, como as superfícies aguadas, escorridas e ao mesmo tempo mais densas conforme a pintura solicita.

5 – ALGUNS ELEMENTOS DOS TRABALHOS

Os elementos figurativos/imagéticos que compõem meu trabalho vieram, em sua maioria, de fotos de família. Ali está presente toda a magia do amor familiar, tudo que me motiva e acredito que me fez ser o que sou e estar onde estou. Em todas as fases de minha vida, estive ao lado deles (e eles a meu lado). Em todos os meus desenhos, desde muito pequena, a família sempre foi a minha representação. Nas linhas que surgiam no papel (definidas ou não) sempre havia algum elemento que a constituía; era nessas linhas que eu viajava quando olhava para o céu e as nuvens tomavam as formas de tudo que estava ligado ao ambiente familiar. São elas que geram as formas reais, palpáveis, dos meus sonhos; e são esses sonhos que procuro projetar sobre as obras.

6 – AS IMAGENS

Essas imagens de base são retratos impressos que guardo com carinho e, aos quais, tento não dar nomes, pois já os tenho; são meus, como minhas as fotos e seus conteúdos.

Quando criança, um primo ganhou de natal um jogo intitulado “Laboratório de fotografias” e nele continha todo um material necessário para fotografar e revelar as fotos. A partir daí, vivíamos tirando fotos de tudo e de todos; era uma brincadeira muito envolvente! Mas depois de alguns anos, passei a dar uma importância muito maior a essas imagens que continham paisagens e retratos da família. Muitas se perderam ao longo dos anos, mas as poucas que guardo, possuem histórias de vida, da minha vida. E ainda acredito que isso se tornou tão importante para mim, desde quando decidi usá-las como base para algumas pinturas, a partir do meu ingresso na Escola de Belas Artes da UFMG. A ideia foi se somando ao fato de que transformar essas fotos em pinturas faria uma enorme diferença para mim, pois eu não estaria *reproduzindo* qualquer imagem; isso seria a reverberação de algo e/ou alguém amado por mim em uma espécie de ampliação poética.

São essas lembranças que me fazem trilhar um caminho com esses registros da nossa (minha) cultura, ao valorizar certas oportunidades; especialmente aquelas que ocorrem ao lado de entes queridos, como se fossem orações para outros que estão começando seus caminhos. Isso é algo que é novo para eles, um *modo* de passar o melhor de mim com

carinho e alguma experiência de tempo, de vida e vivências. Se minhas pinturas perderem algo em *sua beleza*, certamente ganharão ao desprenderem ternura, nessas lembranças que, para mim e para quem também ama suas famílias, tentam explorar e transmitir as forças da extrema delicadeza de alma que aí se movem.

7 – AS PINTURAS

Meus trabalhos são, em suma, telas feitas de tecido de algodão cru, preparadas com tinta látex branca, algumas com chassis em madeira clara não visível e outras sem chassis. Alguns tiveram desenhos e cores planejados e, ao final, considero que as mudanças entre o planejado e a obra finalizada ficam bastante nítidas para mim (o que não saberia comentar, em relação aos outros).

Durante a realização de cada uma delas, pressentia que algo significativo estava nascendo; mas também, às vezes, sentia que tomava rumos não desejados, como um problema *sem solução*. Tinha de recomeçar, tinha que, de novo, deixar transparecer algo meu, de dentro de mim, (novo ou velho), algo complexo; mas precisava possuir, acreditar no pincel e deixar que as tintas fizessem seu trabalho de colocar na tela algumas alegrias, aflições e desejos. Não sabia exatamente como colocar estes sentimentos na obra; não fazia ideia de como deixar transparecer tudo aquilo. As

palavras me faltavam e a poética desaparecia como por encanto. Quase desisti por não saber como começar; e, muito mais, por onde tudo iria terminar. Mas tomei coragem e lembrei a mim mesma que a maior parte da estrada já havia sido percorrida e agora, persistindo e persistindo, chegaria a algo que me parecia ser definitivo; seria um novo passo, um outro novo passo, um novo caminho a percorrer, caminhando sempre daqui para frente.

8- AMOR

Em minhas obras procuro representar o amor fraterno, materno; o mesmo amor cheio de dúvidas e certezas, comum e humano, finito e infinito, que não se esgota por mais que se fale a respeito; que não se entenda por mais que seja pensado ou estudado. O casal representa o amor e, mesmo na filosofia ou na psicologia, é difícil comentar o amor. É algo que sentimos pela nossa família, amigos, animais de estimação e, algumas vezes, mesmo de antemão, amamos outras pessoas que de alguma forma farão parte de nós; vejo isso no modo como falo disso no meu trabalho.

No(s) dicionário(s) encontramos diversas definições para este sentimento tão rico, que trata que cuida, e causa tantas reflexões, mas que também maltrata e destrói. Através da filosofia encontramos afirmações de que a vida nas civilizações ocidentais é um resultado da cultura greco-romana

e da cultura cristã, que formaram as bases sociais do mundo latino. São dadas três definições do que seja amor:

- A primeira é o amor Eros. Ele é definido por Platão como um amor ligado à ideia do desejo. Amar alguém, portanto, significa desejar fortemente aquela pessoa estar junto dela. Esse desejo se extingue quando é concretizado; ou seja, ele deixa de existir. Assim, o amor Eros, é o desejo por algo ou alguém que desaparece quando o outro se sente satisfeito em relação ao objeto desejado.²
- A segunda definição é o amor Filos. Esse é defendido por Aristóteles como um amor vinculado à ideia de alegria. Amar alguém é sentir-se alegre com a pessoa que você divide a sua vida e os sentimentos em geral. Significa que o amor só existe quando faz um casal feliz ou une uma dupla de pessoas assim.³
- Temos também, como terceira definição, o amor Ágape. Dentro do pensamento cristão, esse é o amor idealizado pela renúncia. Amar alguém é ter uma atitude de amor com o outro, sem esperar nada em troca.⁴
- O livro A Arte de Amar de Erich Fromm (psicanalista, filósofo social e escritor) nos mostra toda esta complexidade ao estudar cada tipo de amor e ele nos faz a seguinte pergunta: “É o amor uma arte?”. E

² .(www.stoodi.com.br/oqueeoamorparaafilosofia (consulta em 24/07/2018)

³ .(www.stoodi.com.br/oqueeoamorparaafilosofia (consulta em 24/07/2018)

⁴ .(www.stoodi.com.br/oqueeoamorparaafilosofia (consulta em 24/07/2018)

5 (A - Arte de Amar – Erich Fromm – cap.1)

responde,” ... *amar é uma arte*, do mesmo modo que viver é uma arte; se quisermos aprender a amar, deveremos proceder da mesma maneira como quando queremos aprender outra arte, por exemplo, música, pintura, marcenaria ou as artes da medicina ou da engenharia”.⁵

Essas reflexões nos mostram quão complexo e variado é o tema do amor, pois podemos amar de diversas maneiras.

9 – MINHAS IMAGENS

Enfim, tentarei elaborar aqui uma reflexão – dentro de certas limitações – sobre as minhas pinturas e demais experiências que fizeram parte de minha trajetória universitária. Foi um grande desafio! Mas acredito que tudo que mencionei pode produzir – ou esclarecer – *algumas* ideias do que se trata meu trabalho e como ele *ganha* um corpo.

Ele representa tudo aquilo que fez e que faz parte da minha infância, da minha maturidade, dos meus sonhos, vida, saberes e desejos. As cores, tal como já foi dito, são a minha identidade, pois através delas passo aos outros uma *imagem do sonho*, quando a realidade se mostra cinzenta é preciso produzir algo que conduza esses significados.

Este trabalho não trata apenas de um pouco da minha vida enquanto estudante de Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade

Federal de Minas Gerais; ele também comenta – ou busca retratar – um pouco da minha infância; passa pelos momentos que marcaram minha vida em fotos *projetadas* numa tela, em cores que fizeram a minha história; que embalaram meus sonhos, que me fizeram dormir e acordar, e que também me despertaram para um novo mundo, com uma trajetória mais densa, me presenteando com a maturidade: quando, mesmo nos momentos em que as cores se mostraram ausentes, ainda acredito que soube dar o meu colorido à elas. Nesses momentos em que a dor prevalecia, a sombra fresca da mangueira me dava seu abraço e ali, era só fechar os olhos e me deixar levar por uma brisa fresca, que afastava toda tristeza para bem longe, não deixando que nada nem ninguém conseguisse perturbar aquele momento tão meu.

Essas pinturas são o reflexo do que ficou para trás, mas que será lembrado com muita ternura para sempre em minha vida – dividido com o(s) outro(s) – pois são também o meu presente, a minha atualidade, que nos abre *um futuro cheio de interrogações*.



*Figura 1-S/T – Teresinha Oliveira, acrílica sobre tela,
72 x 89 cm – 2018*

Víamos a ferrovia bem no alto da montanha e os trens que passavam por lá; acenávamos para o maquinista, que às vezes acenava de volta. Não fazíamos ideia da razão disso: era bom acenar; nada mais. Esperar? Não esperávamos nada, pois os trens iam e viam num frenesi louco, levando e trazendo pessoas diferentes para destinos distintos. Bem cedo – e quando digo cedo, era 4:00 horas da manhã – íamos para o curral e o dia nem clareara, lá estávamos esperando meu avô retirar o leite da vaca

Mafalda e encher copos e galões com o líquido quentinho. Os copos eram da meninada e os galões iam para a venda.

Na imagem reproduzida, a mulher do centro é a minha avó, mulher guerreira, corajosa e muito trabalhadora, que possuía uma sabedoria de poucos. Fazia partos – de seres humanos e animais – e observava a natureza através da percepção das mudanças, como o canto e o voo dos pássaros, o vento e queda de folhas das árvores (quando já sabia se era a hora ou não de plantar, de colher, se ia chover fazer calor ou frio): ela *conversava* com a natureza, o que nunca falhava. Era assim a vida no sítio; assim a minha avó era e assim eu gostaria de ser.



*Figura 2 - S/T – Teresinha Oliveira,
acrílica sobre tela, 70 x 120cm, 2018*

Uma das melhores coisas do sítio era a comida preparada por uma grande amiga da minha avó, Maria do Pires. Seu tempero era o máximo e fazia doces fantásticos como ninguém. Ela dizia que as goiabas colhidas pela manhã, ainda carregadas de orvalho, davam as melhores iguarias. Assim adentrávamos mata adentro, colhendo essas frutas até ter o balaio cheio com as mais maduras. Depois ajudávamos a retirar alguns caroços e elas eram colocadas no tacho de cobre, a massa cremosa que surgia daí era despejada em formas forradas com folhas de bananeiras, horas depois se

transformavam nas iguarias do maravilhoso doce. Na figura acima, o menino ao lado da mãe era o filho dessa senhora, *travesso que não parava*. Minha avó dizia que ele havia se “sentado no formigueiro”. Certa vez, cutucou tanto um vespeiro, que os insetos enfurecidos acabaram por matar uma cabra, algumas galinhas e quase matam o moleque: sua mãe lhe deu tantas palmadas, que ficou dias sem se sentar. Depois desse incidente ela nunca mais o levou ao sítio. Ela continuava indo e fazendo seus doces, biscoitos e muitas outras comidas, muito saborosas.



***Figura 3 - S/T – Teresinha Oliveira,
acrílica sobre tela, 67,5x103cm, 2017***

Um rio passava nos limites do sítio com a fazenda vizinha e sua água corrente era tão clara, que era possível ver os peixes que lá nadavam de um lado para o outro, se desviando uns dos outros e das pedras. Suas margens eram repletas de *copos de leite*, uma planta que adora umidade e tem flores de uma única pétala cônica, muito brancas, com um pistilo expressivo amarelo ouro no seu centro. Na outra margem, uma floresta de mata atlântica abrigava pequenos animais como tatus, ouriços, raposas e outros. Tudo era lindo e calmo, além do barulho das águas, algo parecia nos levar a outras dimensões. Ali, meu avô nos contava inúmeras histórias, umas engraçadas e outras de arrepiar. Lembro-me de cada uma delas, das nossas risadas e de nossos olhinhos, que brilhavam encheidos de imaginação.



*Figura 4 - S/T – Teresinha Oliveira,
acrílica sobre tela, 75x95cm, 2017*

Quando as férias escolares chegavam, o nosso destino era certo: o sítio dos meus avós. Já chegávamos correndo como se um mês representasse apenas algumas horas, que passavam tão rápido que fazia com que tentássemos agarrá-las, na certeza de torná-las mais lentas e proveitosas, como se o tempo não passasse, transformando um mês em um ano na vida inteira. O primeiro e o último dia eram de muitos abraços, pois sabíamos que ele só se repetiria depois de mais um ano apenas. Eram os dias da chegada e da partida, pouco importando o dia do mês: abraçávamos uns

aos outros, o pé de manga imenso que ficava em frente à casa, o chiqueiro, o curral e tudo que podíamos.



***Figura 5 - S/T – Teresinha Oliveira,
acrílica sobre tela, 70x89cm, 2018***

O sítio em que vivia ficava numa espécie de grotta e, no alto, estavam os trilhos do trem que nos proporcionava uma visão de encantamento, já que – para nós – ele era o único meio de transporte conhecido por ali, e seu apito nas curvas fazia com que todas as crianças saíssem correndo, gritando e acenando por aquela aparição, numa manifestação quase mágica. Esse lugar era aonde passávamos todas as férias, morando lá por

um curto tempo, enquanto criávamos nossas fantasias. Nas imagens acima, retrato minha avó, minha mãe e um tio. E assim começou minha história; ou aquilo que guardo na minha lembrança dela.



**Figura 6 - S/T – Teresinha Oliveira,
acrílica sobre tela, 72x98cm, 2016**

Poema

Ser livre ainda é um sonho – e não importa como – em relação ao mundo,
às pessoas (sim, às pessoas). *Ouçó dizer: Você não acredita nas pessoas?*
Então, olhe para mim: eu te amo. Relaxe, pois a mãe natureza lhe dirá

que o amor vence, quando o beijo leve da brisa dar lugar à ousadia. (Você me acha?) Ah querido, assim não dá! (Minha irmã está olhando pra você). Olhe para si, olhe para ela Vai fundo! Não se esqueça: o mundo te pertence!

10 – ALGUMAS REFERÊNCIAS ARTÍSTICAS

Foi pesquisando artistas já integrados à História da Arte ocidental, especialmente aqueles que trabalharam com cores vivas, entre expressões não realísticas e que utilizam as cores sem a preocupação em imitar e/ou se aproximar da natureza, que me lembro ter encontrado como ponto de partida para as minhas pesquisas os livros mostrados em salas de aula pelos *juvems* professores Janaína Rodrigues e José Lara, que tiveram uma importância muito relevante para o início dos meus trabalhos.

Foi durante esses estudos que conheci e me apaixonei pela obra de Paul Gauguin⁵, pintor francês e um dos maiores representantes da pintura pós-impressionista, ou mesmo pré-moderna. Suas pinturas possuem um estilo diferente de tudo que havia antes, retratando seu desejo de ir além do naturalismo puro e dar uma grande ênfase às cores, emoções e à imaginação, o que culminou numa ruptura com o Impressionismo que ele havia abraçado. O que mais me fascina nas obras de Gauguin são as cores

⁵ - Eugène Henri Paul Gauguin (07 de junho de 1848 – Paris (França), 8 de maio de 1903 – Polinésia Francesa (Oceania).

puras, as figuras simples que ele retrata. (é assim como no meu trabalho), que fazem parte de sua vivência como admirador e habitante das ilhas do Pacífico. Gauguin trocou Paris por uma aldeia no Taiti, próxima a capital Papeete.



Figura 7 - Paul Gauguin, “Duas mulheres na praia”
Óleo s/tela, 101,5 x 77,5, 1891



Figura 8 - Paul Gauguin, “Quando te casarás?”
Óleo s/tela, 69 x 91 cm, 1892

Tarsila do Amaral⁶, artista brasileira que expressava em suas obras, alguns de seus momentos vividos e era influenciada por tudo que ocorria à sua volta trazendo muito de seu passado em suas figurações. Além das cores vivas, as obras da artista retratam as paisagens urbanas e rurais do Brasil. Apesar de não seguir (propriamente) determinados movimentos artísticos, suas obras trazem, em geral, elos com o Cubismo, ligando-se ao movimento antropofágico Pau Brasil. Os seus elementos cromáticos, quase sempre se sustentam pelas cores primárias e secundárias. O efeito causado por esses tons também refletem o meu modo de ver e de trabalhar uma pintura.



*Figura 9 - Tarsila do Amaral, “O Mamoeiro”
Óleo sobre tela, 65 x 70 cm, 1925*

⁶ - Tarsila do Amaral – (01 de setembro de 1886 – Capivari (São Paulo), 17 de janeiro de 1973 – São Paulo (São Paulo)).



Figura 10 - Tarsila do Amaral, “Morro da Favela”,
Óleo sobre tela – 64 x 74 cm, 1924

Arthur Luís Piza⁷ outro artista que foi como um *começo* dos meus estudos, era paulista e viveu 60 anos em Paris onde faleceu aos 89 anos. Foi gravurista, desenhista e escultor. Mesmo não sendo pintor, me interessei muito por sua obra e foi a partir delas que comecei a estudar cores e formas mais puras e abstratas. De acordo com o crítico Paulo Sergio Duarte, “Piza introduziu a questão do relevo de forma muito original na Europa. Em termos técnicos, foi considerado um dos maiores gravadores da segunda metade do século 20”.

⁷ - Arthur Luiz Piza – 1928 – São Paulo – 26 de maio de 2017 – Paris (França)



*Figura 11 - Arthur Luiz Piza, "A227-294",
(recorte sobre papel) 29 x 19,5 cm, -1984*



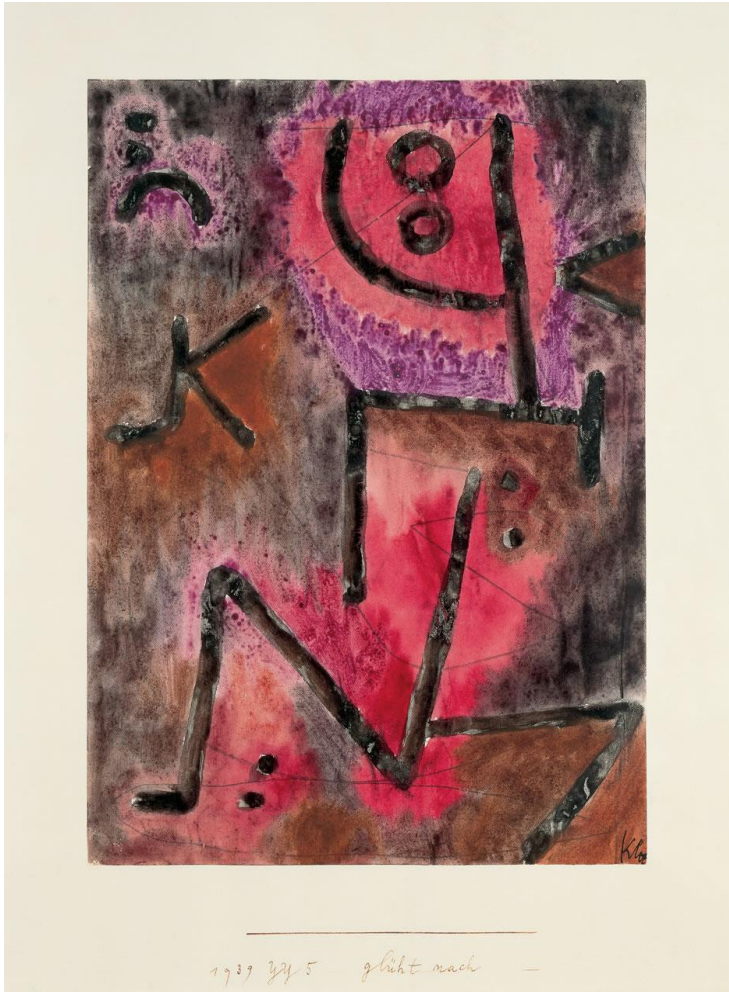
*Figura 12 - Arthur Luiz Piza, Sem título
técnica mista, 22,5 x 16 cm 1949*

Paul Klee⁸ foi um artista suíço naturalizado alemão, tido como um dos mais originais entre os movimentos de vanguarda do início do século XX. Considerado também um grande pintor e desenhista oscilava entre o construtivismo, expressionismo e o surrealismo indo além da oposição entre abstração e figuração. Estima-se que tenha produzido cerca de 9000 obras. O que mais admiro nas suas obras é a experimentação muito livre e domínio sobre a teoria das cores. Foi professor da Bauhaus e autor de livros sobre uma didática da arte bastante inovadora, baseada em sua experiência artística.



Figura 13 - Paul Klee, "Ficheiro", óleo sobre tela, 33,7 x 42,0 cm, 1939/40

⁸ - Paul Klee, (18 de dezembro de 1879, Munchenbuchsee - Suíça - 20 de junho de 1940 - Muralto - Suíça,



**Figura 14 - Paul Klee, “Ele Estremece”,
aquarela, 29,5 x 21 cm, 1939**

9

⁹ - Anita Mafatti - (02 de dezembro de 1889 – São Paulo (SP) - 06 de novembro de 1964 - São Paulo (SP) -

Anita Malfatti⁹ foi uma pintora paulista e suas obras possuem uma forte tendência expressionista. Estudou arte em Paris e participou da mítica Semana de Arte Moderna de 1922. “Anita Malfatti foi uma das mais importantes pintoras brasileiras da primeira fase do nosso Modernismo. Ela teve um papel preponderante na Semana de Arte Moderna, em 1922, onde expôs seus trabalhos. De volta ao Brasil, ao lado de Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e Menotti del Picchia, formaram o “Grupo dos Cinco”, que defendia as ideias professadas pela arte das vanguardas modernas



*Figura 15 - Anita Malfatti, “Tropical”,
óleo sobre tela – 54,5 x 73,5 cm, 1922*



**Figura 16 - Anita Malafatti, “O Farol de Mohagen”,
óleo sobre tela, 46,5 x 61 cm, 1915 –**

Mimmo Paladino é pintor, escultor, ceramista e fotógrafo italiano. Sua primeira fase está concentrada principalmente na fotografia e depois da metade dos anos 70, redescobre a pintura e “*recupera a cor tanto em seu valor expressivo como na materialidade*” do pigmento. Imagens estilizadas em grandes telas, em que estruturas geométricas, galhos, máscaras e outros elementos da natureza chamam a atenção do espectador para um mundo simbólico, tratado com vigor cromático e composição em fluidos.



*Figura 17 - Mimmo Paladino, “Mathematica 3”,
Impressão gráfica, aquatinta, 57 x 76 cm, 2001,*



*Figura 18 - Mimmo Paladino, “Coma em um Spechio”,
litografia, 86,36 x 60,96 cm, 1990*

Em van Gogh¹⁰ o que mais *me causou inspiração* foram suas pinceladas de grande expressividade, que no vai e vem de círculos e retas vão se transformando em formações figurativas, quase entidades visuais com cores vibrantes, criando imagens muito belas. Ele é considerado um pintor influente na História da Arte ocidental, o que contribuiu bastante para a fundação da Arte Moderna. Criou mais de 2.000 trabalhos em pouco mais de 10 anos de dedicação à arte.



*Figura 19 - Van Gogh, “A poltrona de Gauguin”,
óleo sobre tela, 72 x 90,5, 1888*

¹⁰ - Vincent Willem van Gogh – 30 de março de 1853 (Zundert – 29 de julho de 1890
Auvers-sur-Oise.



*Figura 20 - Van Gogh, "Café a noite",
óleo sobre tela, 65,5x81cm, 1888*

11 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Família – pintura e memória em retrospecto” é o resultado de tudo que considero importante em minha vida, além do campo energético da arte inclusive. O que retratei é apenas o começo do que espero ser no futuro, uma grande explosão de imensas telas e pinceladas retratando o que existe de mais singular e maravilhoso: minha família. Analisei cada passo do meu percurso em todos esses anos e pude perceber o quanto cresci, amadureci e também o quanto adquiri em experiências, experimentações, amizades, através dos momentos em que pude colocar nas telas as pinceladas do meu amor e carinho pelas pessoas e pela arte que me acompanha desde sempre.

Não é uma consideração conclusiva e sim o começo de mais experimentações e realizações.

12- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FROM, Erich – A arte de amar- Martins Fontes – São Paulo – 2006 –
página 1 - 6

<https://www.stoodi.com.br/blog/2016/07/28/o-que-e-o-amor-para-filosofia>

https://www.ebiografia.com/paul_gauguin/18082018

https://www.suapesquisa.com/biografias/tarsila_amaral.htm

<https://www.todamateria.com.br/anita-malfatti/>

<https://www.mchampetier.com/biografia-Mimmo-Paladino.html>

<https://www.escriitoriodearte.com/artista/arthur-piza>

https://www.ebiografia.com/van_gogh/

https://www.suapesquisa.com/quemfoi/paul_klee.htm

13– IMAGENS

Fig. 7 - 8– Paul Gauguin

<http://www.democrart.com.br/aboutart/artista/paul-gauguin/09102018>

<http://www.gadlerner.it/2015/02/07/il-pericoloso-messaggio-nascosto-in-quel-gauguin-che-emigra-nel-deserto/09102018>

Fig. 9-10 – Tarsila do Amaral

www.infoartsp.com.br/es/agenda/piza-1947-2015/10102018
<https://jornal.usp.br/institucional/obras-do-acervo-do-ieb-integram-exposicao-inedita-sobre-tarsila-do-amaral/09102018>

<https://www.todamateria.com.br/tarsila-do-amaral/09102018>

Fig. 11-12 – Arthur Luiz Piza

www.infoartsp.com.br/es/agenda/piza-1947-2015/10102018

Fig. 13-14 – Paul Klee

[www.wikipedia.org/wiki/ficheiro:paul-klee-ohme_titel\(Der_todesengel\).jpg10102018](http://www.wikipedia.org/wiki/ficheiro:paul-klee-ohme_titel(Der_todesengel).jpg10102018)

Fig. 15-16 – Anita Malfatti

<https://obrasanitamalfatti.files.wordpress.com/2010/03/ofarol-1915-oleostela-465x61-col-gilbertochateaubriandbandeirademello-rj3.jpg/08102018>.
http://obviousmag.org/pintores-brasileiros/anita_malfatti/as-influencias-nas-obras-de-anita-malfatti.html/08102018

Fig. 17-18 - Mimmo Paladino

<https://www.kunzt.gallery/art/mimmo-paladino-mathematica3/10/10/2018>

Fig.19-20 – van Gogh

www.todamateria.com.br/van-gogh/08/10/2018